



Gaiato

4560 PENAFIEL
TAXA PAGA

Quinzenário • 1 de Maio de 1993 • Ano L - N.º 1282 - Preço 30\$00 IVA incluído

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

CINQUENTA ANOS DEPOIS

Um bocadinho de história

VAMOS hoje a um bocadinho da história da fundação desta Casa do Gaiato de Paço de Sousa.

A ideia dela começa «no fim do segundo ano (da Casa Mãe da Obra: Miranda do Corvo), que foi Janeiro de quarenta e dois» quando «os novos habitantes mal cabiam dentro do berço. Tornava-se necessário expandir e eu dirigi-me ao Norte a ver se dava com uma quinta».

«Trazia eu o pensamento ocupado com o Convento de Arouca, com mira a fundar ali a Aldeia dos Rapazes quando adreguei de passar por Paço de Sousa onde existe um Convento beneditino consumido há três anos pelas chamas de um incêndio.

— Fique por aqui, Padre — disse-me alguém.

«Sonhara uma Aldeia com casinhas a espelhar»

Entrei dentro das ruínas. Vi a arte, a piedade e a fé dos monges nas sólidas construções daquele tempo, sob o signo sagrado do *ora et labora*. Passei a cerca, subi à mata, olhei em redor. Soube da posição jurídica da fábrica monástica.»

Bela entrada da nossa Aldeia de Paço de Sousa — a Avenida Duarte Pacheco.

«Sonhara uma Aldeia com casinhas a espelhar, habitada por garotos da rua a cultivar a terra e a comer o pão com o suor do seu rosto. Vi escolas e oficinas; pomares e jardins; folguedos e descantes. A Igreja era no meio. Crianças entravam ao repicar de sinos e dentro havia a mesma legenda dos antigos frades num fundo de glória: *ora et labora*.

Nisto abri os olhos e nada mais vi do que as ruínas do Convento descarnado. Era um sonho!

— Fique por aqui, Padre; não vá para Arouca — repete o mesmo senhor.»

Gostaria de saber quem foi este senhor. Decerto Padre Miguel Baptista Lopes, ou talvez seu primo Dr. Moreira da Rocha que estivesse presente na ocasião, já que o *sonho* acontecera à beira da residência paroquial. Fosse quem fosse, aquele senhor foi voz de Deus a guiar os passos de Pai Américo.

Quando muitos anos mais tarde conheci o Convento de Arouca e a sua cerca, assustei-me de pensar que poderia ter sido ali a Casa do Gaiato. Nem me pareceu que lá houvesse condições para realizar o *sonho*.

O que afugentava Pai Américo de Paço de Sousa era ser aqui a sua terra e a lembrança de como «é difícil a um profeta fazer milagres» em tais circunstâncias. Mas a voz venceu: «Pedi papel e tinta; escrevi para

Lisboa. A resposta veio num rufo: — Sim senhor».

Isto passou-se no Outono de 1942. Se atendermos à costumada lentidão oficial, de facto, desta vez, tudo aconteceu num «rufo», pois em 20 de Fevereiro de 1943, de Coimbra, Pai Américo pediu ao Presidente da Junta de Província do Douro Litoral que o recebesse «na próxima sexta-feira», dia em que também seria recebido pelo Governador Civil, após o que «seguirei para Paço de Sousa onde me devo encontrar com o Arquitecto Teixeira Lopes que vai estudar o local das construções.»

«O 'sonho' amadurecia»

Em breves meses o *sonho* amadurecia em ordem à concretização.

Interessantíssima correspondência trocada, eventos que testemunhas conservaram — demonstram a fortíssima personalidade de Pai Américo e o seu impacto nos intervenientes deste processo. Não cabem nas escassas colunas do nosso Jornal, mas são documentos para a história.

Em 14 de Abril de 1943 foi publicada no *Diário do Governo* a Portaria ministerial do dia 10 anterior que determina «a entrega dos bens mobiliários e móveis, títulos de crédito e documentos que pertenciam à Casa Pia de Paço de Sousa, feita pela Junta de Província do Douro Litoral.»

Continua na página 4

FESTAS

• LISBOA

2 de Maio - Domingo - 15,30 h — Instituto de ODIVELAS

9 de Maio - Domingo - 15,30 h — Salão da Igreja do Sagrado Coração de Jesus - Rua Camilo Castelo Branco (Junto à Rotunda do Marquês) — LISBOA

15 e 16 de Maio, 15,30 h — Salão da Igreja de Cristo Rei — PORTELA DE SACAVÉM

22 de Maio - Sábado - 15,30 h — Cine-Teatro — LOURES

23 de Maio - Domingo 15,30 h — Salão da Igreja Paroquial — BENEDITA

30 de Maio - Domingo - 15,30 h — Salão dos Bombeiros Voluntários — TORRES VEDRAS

• SETÚBAL

As Festas, de Setúbal, têm como lema: *A Casa do Gaiato uma escola de chefes.*

São tantos os antigos gaiatos em lugares de comando nas diversas actividades económicas do País que não podemos calar o valor da formação pedagógica recebida no berço.

O Padre Américo voltará, de novo, a grande plano. É ele o inspirador de todo o pensamento e experiência, como será o autor de verdadeiras epopeias declamadas pelos rapazes.

Numa crise de valores humanos, cada vez mais acentuada por esse mundo fora, a nossa Festa surge

Continua na página 3



Tribuna de Coimbra

Amêndoas doces!

Ontem foi domingo. A Pascoela. Na Liturgia ainda se respira o perfume suave do tempo pascal. Tudo nos conduz ao Ressuscitado! Os cânticos, as Orações, os Prefácios... A Cruz revestiu-se de pétalas. É Primavera. Na nossa Capela, o Círio flamejante atrai o nosso olhar e a sua Cruz aquece o coração: «É o Senhor!» Os mais pequeninos, de olhos na vela, misteriosa, ferida a meio pelos cravos de incenso, questionam docemente e aderem com simplicidade: «Foi Jesus que Ressuscitou!»

Como fico feliz quando os ouço no desempenho das suas obrigações, entoando os cânticos da nossa Missa...! «O Senhor salvou-me porque me tem amor...»

Paí Américo devorado pela salvação do garoto da rua — salvação inteira, total — arrematava, recomendando aos padres da Rua:

«A alma vale mais do que o corpo». Seria trágico se reduzíssemos a salvação, em nossas Casas, ao aspecto assistencial, ao corporal... As Casas do Gaiato existem por causa da alma; por causa da alma se mantém e a sua credibilidade dimana da cura da alma.

É por isso que a vida religiosa, em nossas Casas, é o centro. Não se fazem actos de culto por mera pertença, mas por convicção profunda de que só educa de verdade quem se ajoelha com frequência. Assim a nossa Missa de domingo é um mistério, não apenas um acto a mais da comunidade. Para ela converge o nosso viver e o nosso morrer pelos Rapazes e dos Rapazes uns pelos outros.

Não sei avaliar, suficientemente, o que sente cada rapaz quando nela participa... O que traz cada um no seu coração. Adivinho lutas e sei de vitórias e fracassos e, às vezes, dou comigo de olhos nos olhos de alguns,

agradecendo a transformação operada pela Graça Divina. Há saltos qualitativos, pelos quais só a Graça divina é responsável. Só Deus pode tocar o coração humano como ninguém. Os métodos educativos, ainda que perfeitos e aplicados com toda a eficácia dos recursos humanos, sem Deus, como apelo essencial, ficam votados ao fracasso e à frustração de quem educa e dos que são educados. Os sinais são evidentes.

Que bem me soube o tríduo Pascal, vivido com tanta simplicidade em nossa Casa: Lava-Pés; o beijar da Cruz em Sextá-feira Santa; o Círio Pascal aceso; a confissão dos Rapazes; a sua Comunhão Pascal... O pôr a mesa: tanta veste lavada e perfumada pela Graça de Deus! E, de traje limpo, ninguém dos meus recusou lugar à Mesa. Que amêndoas doces! Que consolação pascal!

Padre João

SETÚBAL

Lições práticas de grande riqueza humana e até sobrenatural

Passar uns dias fora de Casa, ainda que seja num hospital, refresca-nos sempre o espírito. Assim vamos saboreando como devem ser boas as férias para quem as pode ter.

Dez dias de internação, passando pela experiência do sofrimento, são graças de Deus que nunca pensamos merecer e jamais agradeceremos. Bendito seja Deus! A maturidade que os padecimentos rapidamente provocam na pessoa que os aceita; a comunhão instintiva e quase irreprimível entre todos os doentes, a começar pelos que mais sofrem; a dependência absoluta a que ficamos sujeitos a seguir a melindrosas operações; e o carinho, atenção e competência com que somos tratados, são lições práticas de grande riqueza humana e até sobrenatural.

No serviço de urologia do Hospital Pulido Valente, em Lisboa, encontrei um serviço médico, de enfermagem e de pessoal auxiliar como julgava já não existir. Os doentes, a qualquer hora e momento, eram sempre a menina dos olhos de todos! A limpeza e alimentação impecáveis. A enfermagem atenta, competente e muito dedicada. Os médicos inexcedíveis no zelo e, pelo que ouvia dizer aos doentes que se iam curando, também na competência. Um Hospital que deixa saudades!

As notícias que me foram chegando, de Casa

ao Hospital, foram sempre agradáveis; mas o encontro com os rapazes todos em Casa encheu-me de assombro. Não foi fácil aos chefes os dez dias da minha ausência. Não foi

não senhor! Nós guardamos, debaixo das nossas telhas, vítimas das maiores tragédias humanas. Não admira que haja barafunda na minha falta. Admira, sim, que os rapazes, por

eles, tenham resolvido, e bem, todas as situações. Encontrei três rapazes e tristes. Soube do seu furto, abuso de confiança e fuga. Mas estavam em Casa para eu os acarinhar e encorajar — e me animar também.

Todos os trabalhos em bom ritmo e uma boa participação na festa pascal.

Padre Acílio

ENCONTROS em Lisboa

Gosto do bairrismo esclarecido

Gosto do bairrismo. Gente que ama a sua terra, as suas coisas, o seu passado, as suas tradições. Gente que dá as mãos para construir e engrandecer o presente, deixando uma herança de obra feita com suor, alegria e lágrimas, numa comunhão de esforços em que cada um contribui com o que pode. Vemos assim aldeias que pouco a pouco foram realizando melhoramentos importantes para o bem de toda a população.

Neste bairrismo não fica mal um certo despique entre terras vizinhas, cada uma procurando fazer o melhor. Cria-se entre os habitantes um mais sólido tecido social capaz de sentir e sofrer com os que sofrem e sempre disponível a dar a mão quando algum dos seus membros precisa. Cria-se também uma certa identificação com um determinado meio que ajuda o homem a ter raízes, a sentir-se solidário em relação aos Outros.

Acontece, por vezes, que esse bairrismo degenera em doentias querelas entre vizinhos que nada trazem de positivo. É-se bairrista só de língua, não puxa para um trabalho colectivo e só se sente bem a denegrir o trabalho alheio demonstrando uma enorme incapacidade de, na sua terra, nada fazer de positivo. Cria barreiras entre populações que levam a negar uma ajuda quando ao lado se precisa. Tudo fica pelos foguetes que se destroem no ar e dos quais nada fica a não ser a cana carbonizada.

Quem está habituado a trabalhar no duro sabe apreciar o trabalho alheio. Sabe dar um abraço amigo de encoraja-

mento quando vê algo de bom na terra vizinha. Não cria barreiras artificiais.

Fomos realizar a nossa Festa a uma determinada povoação onde as condições da sala, e respectivos camarins, eram boas para as nossas necessidades. Logo outra povoação vizinha se apressou a dizer que não ia por ser em tal sítio. Fiquei um pouco ferido e os nossos miúdos também sentiram a ferida nos seus corações. Com efeito não estamos habituados a estas barreiras e fronteiras. A nossa vida está habituada a funcionar sem entraves porque tem as dimensões do sofrimento humano. Em qualquer bairro, lugar, cidade ou rua ele pode aparecer. Quando recebemos um miúdo não indagamos o sítio onde nasceu, a cor da pele, a religião, a nacionalidade. É nosso porque sofre. É nosso porque está em necessidade.

Há pouco tempo ia numa rua da nossa cidade à procura de um menino de quatro anos que quase nunca tinha visto o sol. Entregue aos cuidados de uma «ama», não tinha cama, estava habituado a chorar só, não se sabe se alguma vez foi vacinado, quando alguém interrompe e me diz: — *O sr. Padre também por aqui?!* Percebi o brejeiro da frase. Era rua mal afamada. Se eu tivesse criado barreiras e fronteiras, que seria daquele menino ali a sofrer, sem direito ao sol, ao ar livre?

Bairrismo sim, mas esclarecido — que não seja cego nem trôpego. Bairrismo marcado pelo sofrimento, pela cruz, pelo gosto da ajuda fraterna, da doação. Dessa maneira será esperança de vida nova, de ressurreição.

Padre Manuel Cristóvão

DOCTRINA



...apaixonado dos trapos e do tugúrio...

● Temos doze dias feitos do terceiro turno e os rapazes do quarto ardem em suas casas, consumidos, não vá o mundo acabar antes de lhes chegar a vez. Contra a nossa vontade, desígnio e posses, trouxemos neste turno alguns garotos a mais, errantes da Baixa, meus conhecidos, a quem, por vezes, tenho tirado de grandes trabalhos na rua, furtando-os à mão do polícia que não deixa pedir e à mãe que a isso os obriga, marcando-lhes a diária de quinze tostões. Contam-se por números altos os catraios que vivem assim, assustados e oprimidos; e eu gosto imenso de os livrar da grilheta, durante quinze dias de férias. São os melhores nas Colónias de Campo, sedentos de carinho, prontos, generosos, amigos de fazer vontades.

● Não sei se já te disse que, para cuidar desta malta de quarenta e dois (terceiro turno), temos somente uma cozinheira e ajudante, uma costureira duas vezes por semana e a foneira da boroa, três. O trabalho é feito pelos próprios colonos, escalados de véspera para os seus ofícios, superintendidos pelos vigilantes. Assim, como quem brinca, aprendem lições de trabalho e ajudam a economia das Colónias. Nenhum falta no seu posto, todos procuram fazer mais e melhor do que os outros fizeram. É brio despertado neles em razão do ambiente. As boas qualidades dos rapazes são como as plantas delicadas dos jardins — o trabalho do jardineiro é responsável pela beleza da flor.

● Nada mais falso no mundo do que os axiomas que nele correm acerca da índole e porte do garoto da rua. Tão mal tratadas e tão mal compreendidas estas crianças angélicas! Dê-lhe cada um o que eles merecem e terá logo a recompensa com carinho, gratidão, obediência, docilidade — a alma inteira dos pequeninos. A sesta das Colónias de Férias, em duas horas de silêncio clausal, é manifestação e prova do poder e querer das crianças quando a gente as ajuda.

Padre Américo

(Do livro *Pão dos Pobres* — 2.º vol.)

FESTAS

Continuação da página 1

como uma alvorada de esperança e uma forte e decisiva contestação de tantas iniciativas modernas nascidas nos gabinetes e falhadas logo à nascença, apesar dos enormes encargos ao erário público.

Quando estas notas chegarem aos vossos olhos já estivemos no Auditório da Anunciada em Setúbal e estaremos às 21,30 horas:

30 de Abril - Sociedade Filarmónica Quintagense — QUINTA DO ANJO

1 de Maio - Cine-Teatro S. João — PALMELA

14 de Maio - Sociedade Filarmónica Perpétua Azeitonense — AZEITÃO

15 de Maio - Clube Recreativo Piedense — COVA DA PIEDADE

21 de Maio - Incrível Almadense — ALMADA

22 de Maio - Sociedade - SARILHOS GRANDES

29 de Maio - Sociedade Filarmónica Operária Amorense — AMORA

5 de Junho - Sociedade das CABANAS

6 de Junho - Igreja Nova — COSTA DA CAPARICA

11 de Junho - Fórum Luísa Todi — SETÚBAL

12 de Junho - Teatro Aveirense — AVEIRO

19 de Junho - Teatro Gil Vicente — CASCAIS

Padre Acílio

Uma carta

«Que o espírito e influxo do Padre Américo continuem a pairar sobre O GAIATO, fermento precioso que ainda actua sobre a Sociedade Portuguesa — tão carecida de defesas para as ameaças que de todos os lados actuaam.

Assinante 51713»

